ANNO 8.º — Sexta-feira, 10 de Dezembro de 1915 — NUMERO 400

# O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Emprêsa

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

## Nós e o sr. Governador Civil

O sr. dr. Eugenio Ribeiro regressou de Lisboa e continua na chefia do nosso distrito.

Francamente, entendemos que S. Ex.ª, desaproveitando a mudança ministerial, perdeu uma boa ocasião de deixar o logar que em Aveiro está desempenhando.

Porque, digâmos toda a verdade, não é só neste concelho que o sr. dr. E. Ribeiro tem concitado um geral descontentamento entre os elementos democraticos. Por factos analogos aos que, nas colunas deste periodico, ultimamente temos censurado, a reacção é mais extensa e alastra por muitos concelhos do distrito. De Oliveira do Bairro, de Anadia, de Agueda, etc., nos chegam, dia a dia, queixas contra a politica dubia, hesitante e anti-democratica até agora seguida por S. Ex.ª.

Por isso, entendemos que muito teria a lucrar o prestigio do sr. dr. E. Ribeiro com o abandono de um cargo para o qual, a julgar pelas provas que até agora tem dado, lhe falecem as necessarias aptidões.

S. Ex.ª, porém, pensou de maneira diversa; e como contra o sr. dr. E. Ribeiro nos não move a menor antipatia, antes, pelo contrario, é nossa mais sincéra aspiração o termos ensejo de lhe render louvôres, em nada nos desgosta, ou contraría a permanencia de S. Ex.ª á testa do nosso distrito.

Isto, já se vê, desde que o sr. dr. E. Ribeiro, honrando as suas ultimas afirmações, não se deixe arrastar por sugestões deleterias e paute sempre a sua superior acção dirigente pelos ditames da lei.

S. Ex.ª, ao regressar de Lisboa, declarou que, de harmonia com as intenções do Govêrno, ia fazer *politica nacional*.

Deixou-nos, sinceramente o confessamos, um tanto receosos esta declaração.

Que interpretação dará S. Ex.ª á expressão—*politica nacional*?

Qual o sentido que o grande estadista Afonso Costa e os seus colégas de gabinête lhe ligam, sabemo-lo nós bem.

Para o ministério, *fazer politica nacional* é velar pelo prestigio de Portugal, defender os interesses nacionaes, fomentar o progresso da nação, combater e atenuar, nos seus multiplos aspectos, a crise que atravessamos, seguir uma politica de conciliação, ponderada, mas firme; evitar retaliações partidarias; tudo isto, porém, dentro das leis e dos principios democraticos. Por certo, nem fugitivamente passou pelo cérebro de nenhum dos membros do actual gabinête a desvairada ideia de congraçar elementos antagonicos á custa da inobservancia das normas legaes, ou afrontando republicanos de comprovada dedicação partidaria. No Govêrno encontrarão todos, amigos e adversarios, justiça, sempre justiça. Concessões, dentro da lei, tambem póde ser que encontrem. Agora abdicações de principios, ou o *esquecimento* das normas legaes, nunca, de certo, os homens eminentes que presidem aos destinos de Portugal os hão-de perpetrar.

S.as Ex.as, sem nunca perderem de vista os superiores interesses nacionaes, lembrar-se-hão sempre de que são membros do Partido Republicano Português e porão todo o cuidado na escrupulosa observancia dos seus principios, regulamentos e usos.

Que assim será, prova-o um dos primeiros actos do novo Govêrno:—a sua apresentação, em 3 do corrente, ás comissões politicas democraticas com séde em Lisboa.

E' que o Govêrno sabe bem que é nelas, como legitima representação do povo republicano, que reside a força do partido.

Por isso, estamos certos de que para o gabinête que acaba de ascender ás alturas do poder—tão cheias, nesta hora amarga, de responsabilidades tremendas — fazer *politica nacional* significa: olhar, acima de tudo, pelos interesses da nação, mas sem descurar o rigoroso cumprimento da lei e dos bons principios do partido de cujo seio saíu o ministério. Assim, o programa do Govêrno sintetisa-se em quatro palavras — Patria, Republica, Lei e Demacracia.

E' desta fórma que o sr. Governador Civil de Aveiro interpetra a expressão *politica nacional*?

Se é, está muito bem e conte desde já S. Ex.ª com o nosso desvalioso aplauso.

Se, porém, S. Ex.ª entende por *politica nacional* aquilo que ultimamente estava fazendo em Aveiro, desde já lhe declaramos que, com profundo pezar nosso, nos vêremos forçados a discordar de semelhante politica...

## Films...

### Consequencias

Nas livrarias apareceu ha pouco um opusculo intitulado — *Solução monarquica*—em que o seu autor, o republicano evolucionista Alfredo Pimenta, faz a sua profissão de fé, retrocedendo para o regimen dos *adiantamentos*

Aqui está a grande asneira de o não terem feito ministro apenas raiou a nova aurora...

### Engano...

Ramalho Ortigão, falando dum congresso catolico realisado em Lisboa, teve um dia a seguinte tirada:

> «Entre os interesses do clero e os interesses da civilisação ha uma barreira que os proprios padres, ainda os mais instruidos e os mais liberaes, julgaram impossivel transpor.
>
> Ora desde que não póde ser um aliado, o que está evidentemente demonstrado, o padre é um inimigo.»

Não obstante, foi o deputado catolico Castro Meireles quem na sessão extraordinaria do Congresso, efectuada no sábado, propôz um voto de sentimento pela morte do panfletario das *Farpas*.

Candidas almas...

### Tempo perdido

Ha dias um jornal, dos que ainda sonham com a restauração monarquica, epigrafava um artigo de fundo com esta pergunta—*Que fará a monarquia?*

Nada, porque é uma utopía pensar em tal. Por esse lado temos perdidas todas as esperanças de tornar a vêr de *travesti* azul e branco os *democraticos* da Vera-Cruz.

### Coisas da vida...

O *Nacional*, gazeta realista que se publicou nos principios do ano em Lisboa, trouxe no seu numero de 13 de maio este aviso que ontem vimos ao folhear a colecção:

"O NACIONAL„

> «Atendendo á solenidade do dia não se publíca ámanhã o nosso jornal.»

Foi realmente um grande dia, o 14 de Maio, e tão grande que ainda dura para o *Nacional* e outros amigos de S. Bonifacio...

### Original

Em Lisboa declararam-se ultimamente em gréve com o pretexto de que andam mal remunerados, os operarios carpinteiros de caixões o que põe numa contingencia diabolica os que morrem, a não ser que se dispensem de ir... de caixão á cóva...

Já lá viram uma coisa assim?

### Resultados da invasão...

O nosso coléga de Vila Real *O Povo do Norte*, transcrevendo a local aqui publicada sobre o cavalheiro que *se abotuou* com 1:700 escudos numa repartição do Estado, despedindo-se em seguida do partido democratico, admira-se, ao que parece, de no mesmo agrupamento politico haver abundancia de tal gentinha, como se isso fosse alguma coisa do outro mundo.

Olhe, coléga: o peor não são os gatunos; o peor é haver quem acalente e proteja os que para a Republica viéram com o unico fim de continuarem a mesma vida dissoluta que a monarquia lhes permitiu.

E' vêr o que vai cá por Aveiro onde até já se confundem os verdadeiros principios de moral com os que lhe são diametralmente opostos...

## ORA TOMA!

Pelo telegrama que o sr. Ministro do Fomento dirigiu na ultima semana ao dr. Marques da Costa sobre o prolongamento da linha do Vale do Vouga até ao Côjo, claramente se vê que este deputado foi um dos que se interessou porque o melhoramento tivésse a sanção do govêrno, e tanto, que o sr. dr. Manuel Monteiro lhe enviou os parabens por ter alfim conseguido os seus desejos.

Pois o decano dos trapalhões de Aveiro, o réles *Camaleão*, é que não dá por tal. Para ele os unicos homens que se empenharam pela realisação de tão util melhoramento, foram apenas quatro, que regista com a sua gratidão: Barbosa de Magalhães, primeiro, não fosse esquecer; dr. João Elisio Sucêna, dr. Eugenio Ribeiro e Fernando de Souza.

E' caso para felicitar o dr. Marques da Costa. Por muitos motivos e ainda mais este: não enfileirar ao lado dos dois grandes vultos Barbosa de Magalhães e Eugenio Ribeiro, pois arriscava-se a ter *paneau* na estação, como, pela cérta, vai suceder a estes *benemeritos conselheiros*... da Republica...

**O Democrata**, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

## CONFRONTO REVOLTANTE

# José Estevam ao lado dum regedor de aldeia!

### SERÁ POSSIVEL?

Como prometemos, vão os nossos leitores e, em especial, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses, ter conhecimento duma nova carta recebida nesta redacção ácêrca da ignominiosa afronta com que a familia do celebre conselheiro Manuel Firmino pretende mais uma vez agravar a cidade e sobre tudo a memoria sempre querida do seu dilecto filho, do imaculado aveirense José Estevam Coelho de Magalhãs, que só teve como tropeço, na vida de gloria que atravessou, esse, que os parentes se esforçam, com a cumplicidade de alguem da Companhia, por equiparar ao homem que foi um seu natural inimigo, tão arreigadas convicções liberais possuia, tão grande era o seu valor, a sua vasta cultura intelectual, a sua erudição, a base moral sobre que assentava a sua politica, o seu lar, tudo, tudo, emfim, quanto lhe dizia respeito.

Leiam, leiam e ponderem bem as verdades que nessa carta se encerram.

São verdades incontestaveis, puras, que a nenhum conhecedor do meio aveirense merecerão, decérto, o mais leve reparo. Assim se responde, com argumentos sólidos, com argumentos de inegualavel valía, á *troupe*, que por infelicidade desta linda terra não pensa senão em conspurcar o seu nome.

Tem a palavra o ilustre correspondente:

...Sr. Redactor

Venho trazer-lhe o meu sincéro aplauso aos justissimos protéstos levantados pelo seu intemerato *Democrata* contra a colocação, na frontaria da estação do caminho de ferro, da figura de Manuel Firmino ao lado da de José Estevam.

E' necessário que esses protéstos prosigam e se intensifiquem até que o afrontoso projecto seja posto de parte.

Porque, não nos iludâmos: os da familia de Manuel Firmino teem, entre outras, uma valiosa qualidade—a tenacidade.

Por isso, tudo hão-de tentar para alcançar aquela satisfação á sua reconhecida e incomensuravel vaidade.

E todo aquele que ousar contraria-los é corrido com os labeos de insultador de mortos, remexedor de cinzas, etc.!

Como se nós tivéssemos culpa de que a verdade fosse deslustrosa para cértos mortos!...

Escreveu algures Voltaire:—*On doit des égards aux vivants, mais aux morts on ne doit que la verité.*

Aos mortos não se deve senão a verdade! Ou, o que vem a ser o mesmo, a justiça.

A melhor homenagem que a cértos mortos se póde prestar é o esquecimento, um esquecimento total, absoluto, que para sempre os varra da memoria dos que ainda arrastam sobre a face da terra o triste calvario da existencia humana.

E a familia desses mortos devia ser a primeira a concorrer, pelo seu silencio ácêrca deles, para que esse esquecimento pacificador se generalisasse, evitando quanto podésse traze-los á téla da discussão.

Mas, em vez disto, que vemos nós? Um espectaculo a um tempo grotesco e confrangedor, que simultaneamente aflige e faz rir... Vemos a propria familia de Manuel Firmino, alucinada pelos desvarios da vaidade, atirar a cada instante com a sombra quasi esquecida do antigo regedor de Avanca para a luz da evidencia! E isto da fórma mais ultrajante para quantos põem acima de tudo a verdade e a justiça, porque o vão desenterrar do tumulo para o equipararem ao grande, ao inegualavel José Estevam!

E, depois, os outros é que são os culpados! Os outros é que não deixam Manuel Firmino gozar em paz o descanço do tumulo!

Que farçantes! Que farçantes, que, na sua estulta jatancia vangloriosa, não querem vêr que entre José Estevam e Manuel Firmino nada ha, nem póde haver, de comum!

José Estevam foi um homem superior, uma das mais puras glorias de Portugal: defensor estrenuo da causa da liberdade, por ela se bateu valorosamente, arriscando tudo—a vida, a familia, o futuro; parlamentar eminente, foi o primeiro orador português; caracter rijamente temperado, a sua biografia é um modelo de virtudes civicas e domesticas.

E o sr. Manuel Firmino? Que irrisorio confronto! Para que tenta-lo? Só se fôr para mais frisantemente fazer resaltar a antimonia entre o gigante da tribuna, que ainda hoje parece dominar, do alto do seu pedestal da Praça da Republica, as multidões, sob as olimpicas rajadas da sua eloquencia triunfal, e a apagada, a banal figura do antigo regedor de Avanca, do politiqueiro manhoso da camara municipal de Aveiro, do desastrado administrador dos bens proprios e alheios, que unicamente como agente eleiçoeiro do progressismo lucianaceo alcançou uma cérta aura, mais aviltadora do que glorificante.

Que irrisorio confronto!

Que a familia do morto o tente estabelecer compreende-se: é uma especie de monomania, já antiga e, ao que parece, incuravel. Agora que o sr. engenheiro Melo, que deveria mostrar-se superior a estes grotescos procéssos de jatanciosa basofia, se meta a navegar nas mesmas aguas, afrontando a mais pura e gloriosa memoria de Aveiro, é que é intoleravel.

Por isso, sr. Redactor, damos todo o nosso aplauso aos justos protéstos do *Democrata* e fazemos votos para que a asneira em começo de execução não vá por deante.

**Um leitor**

Eão irá; mas se fôr é mais uma desilusão a juntar áque-

# Os do bando

Para responder ás diatribes do escriba de taberna que faz as delicias do publico aveirense todas as vezes que se mete a discutir assuntos para os quais lhe falece a competencia, visto que de autoridade estâmos conversados, não encontrámos, por mais que cogitassemos, melhor argumento do que este: reproduzir, em miniatura, o numero do famoso orgão em que ele a si proprio dá os parabens por ter feito anos, publicando na mesma ocasião—o que é a vaidade dos nulos, dos insignificantes! — a véra efigie, que lhe concede fóros de homem superior no meio dos outros... animais...

Parece-nos que deste modo fica suficientemente demonstrado o valor que póde ter para a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses a série de destemperos que aí apareceram em letra redonda, tendo apenas a autentica-la o nome do editor do papel, tão genial no pensamento, quanto extravagante nos habitos a que o conduziram a fina educação recebida na Murtoza...

Escusam de procurar que não encontram no jornalismo português melhores exemplares do que este e o colega *Camaleão*.

Os dois completam-se. Assim o publico os compreendesse e não fosse tão ingrato como se tem mostrado, não reconhecendo nos dois *orientadores da sociedade* mais do que os porta-vozes duma ostentação que sería ridicula se antes de tudo e acima de tudo não fosse asnatica, supinamente tola.

Veja, pois, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses a força dos que a todo o transe defendem a colocação do *seu Deus* no edifico da estação. E se lhe apraz faça-lhes a vontade, na certeza, porém, de que a critica não perdoará nunca o confronto que se pretende estabelecer entre as duas figuras do projecto, como não perdoaría ao artista que, por excentricidade, ateimasse em confundir a aguia com o morcêgo...

POLITICA DISTRITAL

# Em Anadia como cá

## O sr. Governador Civil traindo a Democracia

Vem *O Democrata* fazendo uma campanha de moralidade e de saneamento republicano, provando que o sr. governador civil proteje reaccionarios, calcando a Lei Organica do Partido Republicano Português, em que está filiado, e outras leis republicanas, incluindo a propria Constituição. Não podemos deixar de nos associar á campanha de *O Democrata*, unindo o nosso grito de protesto ao desse intemerato jornal.

Entendemos que é esse o nosso dever, nesta hora de provação para a Republica e para a Patria.

Em Anadia, como em Aveiro, o sr. governador civil esquece os seus deveres de republicano democratico, auxiliando, acompanhando e protegendo tudo e todos que hostilizem o nesso partido. Em Esgueira, segundo provou *O Democrata*, o chefe do distrito feriu o prestigio dos democraticos e da Republica, protegendo inimigos figadaes da Republica e da Liberdade!

Em Anadia o chefe do distrito vem trilhando o mesmo caminho, protegendo e acompanhando odientos inimigos do seu partido. Em Anadia ha uma patrulha de anfibios que são tudo, uma coorte de arrangistas que são evolucionistas, unionistas ou monarquicos, em Anadia, ao mesmo tempo que são democraticos em Agueda, em Aveiro ou em Lisboa, mas sobretudo em Agueda. Essa caterva de *anfibios* malignos conseguiu iludir a bôa ou a má fé do sr. governador civil, fazendo com que S. Ex.ª alimente o desejo, albergue a intenção ruim e despauterica de arredar do Partido Republicano Português os republicanos que tudo teem feito pela Republica e pelo Partido Democratico, a ponto de levarem de vencido em todas as eleições, os evolucionistas, os unionistas e os monarquicos coligados para darem batalha a este forte e unido partido, que lhes tem provado sempre com factos a sua muita força e coesão. Não é impunemente, sr. dr. Eugenio Ribeiro, que se atraiçôa um partido, patrocinando e acompanhando com os mais odientos inimigos politicos e pessoais dos seus correligionarios da vespera! Está o partido republicano bem servido, bem arranjado com tais dirigentes da sua politica. Está o partido bem arranjado, bem servido com os altos dirigentes da politica distrital, como o sr. dr. Eugenio Ribeiro, que não teve escrupulo em dizer que um jornal, a *Bairrada Livre*, que tão denodadamente tem feito a propaganda dos principios democraticos; que sempre defendeu a politica do Partido Republicano Português; que mereceu e merece o mais envenenado ódio aos inimigos da Republica e da Liberdade, devia ser arredado do seu partido, do partido para cuja propaganda tanto contribuia, do partido que se alguma coisa chegou, como chegou a ser, o deve—em Anadia—a si mesmo, visto as irritantes más vontades de Agueda democratica á Anadia democratica! Está bem arranjado, bem servido o partido que tem por supremo dirigente, num distrito, um homem que teve o impudor de dizer que os republicanos democraticos, seus correligionarios, de Anadia eram criaturas sem importancia, homem esse cuja memoria tanto atraiçôa, cujo tato politico e directivo chega ao cumulo de redicularisar um partido que tambem é o seu e que tem levado de vencida todos os outros partidos, tudo em homenagem á pureza dos verdadeiros, dos genuinos principios republicanos democraticos!

O sr. governador civil equivocou-se quando disse a alguem, que está vivo e são, que o hebdomadario democratico e os atuais democraticos de Anadia deviam ser arredados do partido em que desinteressada e patrioticamente militam. Equivocou-se e ignora que não è democratico quem S. Ex.ª não queira que seja. S. Ex.ª é que é e está sendo um máu democratico porque está fazendo uma politica anti-democratica, com os republicanos de Anadia. S. Ex.ª falando da maneira que falou, não é democratico e hostilisando a maioria dos eleitores que em Anadia são democraticos, trabalha para o esfacelamento do Partido Republicano Português em Anadia!

S. Ex.ª está fazendo uma politica bem lamentavel e um papel bem triste, porque está sendo um joguete na mão dos *anfibios* que em Anadia vivem para hostilizar o Partido Democratico, que em Anadia são monarquicos e democraticos em Agueda. Urge, pois que S. Ex.ª enverede por outro caminho se é tempo ainda de mandar ao diabo os seus pseudo-democraticos de Anadia.

S. Ex.ª imaginou que hostilisando os seus correligionarios, conseguia a adesão dos *anfibios*? Enganou-se totalmente: os *anfibios* de Anadia, politica e sincéramente só estarão com os que quizerem estrangular o Partido Republicano Português.

**A. A. da Costa Neto**

---

las que temos sofrido. Isso, porém, não será motivo para desfalecimentos. Sentimo-nos ainda com energia bastante para continuar a missão que nos impozémos, talvez devido a que comnosco, com este jornal, está a opinião imparcial não só de Aveiro como de muitos outros pontos do país onde chega o *Democrata* e por via do qual nos são endereçadas, quasi diariamente, cartas de louvor pela desassombrada atitude que por vezes tem assumido na defêsa dos verdadeiros principios republicanos, da moralidade, de que só os gatunos e os bandalhos escarnecem, por não saberem o que isso seja, nem a significação que tem entre pessoas que se presam, e tambem pela sua intransigencia com os elementos deleterios desta terra, com os poluidos de caracter, os chascaes, os malandros que aqui teem feito escola, com a choldra, emfim, que a toda a hora e de longa data vem espesinhando, calcando impudentemente a nossa soberania, servindo-se dos mais insignificantes pretextos para aparentar grandêsa, importancia, sempre encostada aos de cima, sempre desvergonhada, sempre impudicamente cinica.

Que nos importa sermos vencidos pela astucia dos intrujões se a consciencia coletiva nunca deixou de prestar culto á Verdade? Que nos importa a lama atirada pela malta se nem um salpico nos atinge?

Mas não sejâmos tão duros. A corja está no seu papel. Nunca conheceu outro. E' a miseria moral estendendo-se ao comprido por sobre este vasto campo de flores; é o escaravelho deitando de fóra a cabeça em obediencia ás leis da natureza que lhe regulam a vida.

Tudo muito repugnante. Mas embora desacompanhados de qualquer auxilio da *bôa imprensa* o nosso protésto não deixará de se fazer ouvir.

# P'ra colecção

—=(*)=—

Mostraram-nos o seguinte, escrito em papel branco:

**Manuel Pereira da Cruz, medico municipal e Delegado de Saude de Aveiro:**

Atesto que a sr.ª Auzenda de Jezus Martins, **que è pobre,** tem uma filha natural, Marilia, de 3 anos de idade, a qual sofre de uma neoplasia lingual que carece duma intervenção cirurgica, precisando, por isso, a Marilia, de ser internada, **como pobre,** num dos hospitaes de Lisboa.

Aveiro, 2 de Dezembro de 1915.

(a) **Manuel Pereira da Cruz**

Até aqui tudo muito bem. Mas o que os leifores não sabem é que a Auzenda, **que é pobre,** como tal reconhecida pelo medico municipal, teve de se esportular com 50 centavos para pagamento deste atestado, se o quiz, havendo portanto uma flagrante contradição entre o que o medico escreveu para efeitos legais e o seu procedimento ulterior, levando dinheiro a uma pobre, ainda mesmo que queira alegar não pertencer ela á ária em que superintende.

E' até onde póde chegar a... santa caridade...

---

**O sr. Governador Civil para quando guarda a substituição do regedor de Esgueira? Para quando guarda o cumprimento da Lei Organica do Partido Republicano Português? Para quando guarda a satisfação devida aos republicanos da proxima freguezia, de quem tanto tem escarnecido?**

**Vá, sr. Eugenio Ribeiro, se foi** *enganado,* **como V. Ex.ª apregoa,** *desengane-se,* **e cumpra o seu dever.**

## O MANUELINHO

Mão é verdade que tenha morrido em Africa onde se acha cumprindo a pena de degredo a que foi condenado, este temivel e audacioso gatuno, a quem os jornaes ha pouco se referiram dando aquela noticia. O que ele pretendeu foi evadir-se, não tendo conseguido, porém, o seu intento devido á vigilancia que o cérca.

## As seráficas em acção

—=—

Estão aparecendo, misteriosamente, de noute, nos primeiros degráus das escadas de diferentes casas, quando não é logo atraz da porta da entrada, papeluchos manuscritos e subrescritados, contendo o seguinte:

### Oração

Senhor meu Jesus Cristo tende piedade de mim agora e sempre por todos os seculos de seculos amen. A pessoa que esta oração reze 9 dias a seguir e em cada um desses 9 dias a mande a outra pessoa, no fim desses 9 dias receberá uma grande alegria de maior arranjo aos seus interesses.

Suplica-se que esta oração seja enviada no proprio dia em que fôr recebida sem levar nome de quem a remete. Esta oração está recomendada pelo arcebispo de Jerusalem que foi Simão Luiz e a pessoa que a fizer, será livre de toda a calamidade. Uma senhora que o não fez recebeu o castigo da morte do seu unico filho.

*(Deus)*

Ao bento seráfico ou seráfica bemdita que entendeu, nos seus altos designios, dever distinguir com a sua protectora piedade uma pessoa de familia do impio autor destas linhas, aqui lhe deixa ele a expressão do seu arrependimento das enormidades que haja cometido, e dando-a á estampa torna-a do conhecimento de todos os nossos leitores, que sempre, pelas respeitaveis e veneraveis barbas do Padre Eterno o jurâmos, são bem mais do que as 9 pessoas em pecado ás quais nos incumbe de a enviar diária, misteriosa e anónimamente.

E que Deus conceda á nossa caridosa protectora, não ao fim de 9 dias *uma grande alegria de maior arranjo*, mas no fim de 9 mêses, para maior propagação da espécie que é a matéria prima sem a qual não é possivel a propagação da fé...

Mande-nos, pois, noticias, daqui a 9 mêses, que nós cá ficâmos dirigindo ao Altissimo e á Senhora do Livramento as nossas mais ferventes preces pelo seu bom sucésso.

---



# Um oficio

—=(*)=—

Procedente da Junta de Paroquia de Esgueira, chega-nos ás mãos o seguinte documento:

*... Cidadão*

Cumpre-me comunicar-vos que a Junta de Paroquia da minha presidencia, profundamente reconhecida pelo auxilio que lhe acabais de prestar na recente luta em defêsa dos direitos que as leis vigentes garantem ás corporações administrativas, deliberou agradecer-vos calorosamente os vossos dedicados esforços.

Saude e Fraternidade.

Esgueira, 2 de Dezembro de 1915.

O presidente,

(a) *João da Silva Castro*

Não tem nada que nos agradecer a Junta de Paroquia de Esgueira porquanto não fizémos mais do que cumprir um dever, colocando-nos ao lado da lei contra o arbitrio, norma que o *Democrata* sempre seguiu, não podendo por isso afastar-se dessa linha mantida, inalteravelmente, atravez os seus oito anos de existencia.

Assim todos os republicanos se compenetrassem das suas obrigações, prestigiando o regimen em vez de o pôrem em cheque com as asneiras que praticam.

## JULGAMENTOS

Deve efectuar-se ámanhã no tribunal da comarca o julgamento dos empregados do governo civil Joaquim Augusto Lima, chefe da 2.ª repartição; Adriano Alberto Pires, continuo; José de Pinho, porteiro; do guarda civico n.º 19, Joaquim Martins e mais dois agentes de emigração, de fóra do concelho, todos acusados dum delito grâve, pelo qual tivéram de prestar fiança, que lhes foi arbitrada em importante quantia a quando da sua prisão.

Tomam parte na discussão da causa além do agente do Ministério Publico, advogados de aqui e de fóra.

* * *

No dia 8 efectuou-se o de Frederico Salgado, de Esgueira, sobre quem recaía a acusação de ter obstado violentamente a que o prior da freguezia entrasse na igreja paroquial por ocasião do enterro de Maria do Rosario, no dia 2 de Agosto, tendo por advogado o distinto causidico, dr. André dos Reis, que fez um apreciavel discurso de defêsa.

O réu foi apenas condenado no tempo de prisão já sofrida, conservando-se o tribunal constantemente apinhado de gente.



# A autoridade administrativa

## Situação intoleravel

Quando o triunfo da revolução do 14 de Maio, foi cousa irrecusavel e absolutamente assente no espirito de todos nós, os bons democraticos, que tinham visto e sentido todos os horrores da ditadura e os da revolução, bradaram, num justificado anceio, que necessário era a união de todos os republicanos.

Esse brado, porém, solto espontanea e lealmente, foi, pela sua sinceridade, pouco depois prejudicado pelo calculo e astucia dos que apenas aparentavam a sua adesão á nova fáse resultante da consumação dos factos.

Esse grito era o natural resentimento dos efeitos da ditadura, por quanto ela, traiçoeira e jesuiticamente, com a paciencia dum bandido que executa um lance perigoso, ía lenta, mas ininterruptamente, corroendo o regimen em proveito das instituições mortas pela sua propria podridão e pelos seus proprios crimes.

Mas quem soltára tal pregão esquecera, sem duvida, que se a ditadura existiu, se ela praticou todos esses crimes de lesa-patria que lhe eram assacados, fôra sómente por isto, sem receio de desmentido—porque os dois partidos republicanos, aos membros dos quaes aqui se pedia a aproximação, animáram, sustentáram e defenderam essa mesma ditadura!

Conhecido, como diziamos, o triunfo da legalidade como facto absolutamente consumado, as vitimas e os algozes confundiram-se e numa das salas do *Centro Evolucionista* local, após vários discursos, constitue-se uma *junta revolucionaria* para, já se sabe, tratar da revolução... depois de terminada!

Isto mesmo aqui registámos oportunamente, ignorando se por tal motivo ou porque alguem se lembrasse de tão flagrante contradição, é que a dominaram a seguir de *constitucional*.

Está claro que os seus respectivos membros pertenciam a todos os partidos que, com um inegualavel criterio e invejavel firmeza de principios, estavam, naquele momento, revoltadissimos contra a ditadura, como na vespera empenhadissimos estavam na sua defêsa e justificação!

Dessa comissão, entre muitos outros assuntos tratados, alguns da mais alta importancia, *como é do conhecimento de todos*, surgiu um por ela reputada da maior transcendencia e necessidade... constitucional!

Ou não estivéssem ali para isso, os amigos de... Peniche!...

O administrador do concelho e comissario de policia, servindo ha dois anos, sem um atrito, sem uma violencia, afastado pela ditadura, democrata de sempre, filho dum velho republicano que ajudou a preparar o 31 de Janeiro de 1891, aparecendo sempre onde era preciso, muitas e muitas vezes á custa de penosos sacrificios monetarios e em algumas delas, jogando a liberdade e até a vida, ambos dedicados e lealissimos soldados do Partido Republicano Português, como se praticára com todas as autoridades em igualdade de circunstancias, devia, por honra do partido democratico, por honra de todos os bons republicanos, ser reintegrado no seu logar!

Era, sem duvida, o saldo duma divida sagrada por parte daqueles que tinham e tem a obrigação moral e politica de o fazer!

Era, sería.

Mas o caso é que dos membros da junta referida que na vespera estavam com a ditadura, mas naquele momento contra ela revoltadissimos, impulsionados então, como sempre, por a pureza das suas intenções, faiscou, como centelha fulgurante, uma só consideração que julgaram bastante para contrapôr, com vantagem, a todas quantas fossem apresentadas em contrário. E então veiu á luz o pequenino, o microscopico rato que abalára, não a montanha, mas a caixa craneana dos sábios que fizéram a grande descoberta...

Era tudo muito justo, muito aceitavel; concordava-se em que um dos actos de maior justiça, em harmonia mesmo com as deliber ções do governo saído da revol ção, era reintegrar Filinto Fei mas entendiam, porém, os que n vespera defendiam a ditadura, qu tal facto, tal medida e tal princ pio não se podia aplicar ao comi sario de policia deste distrito po que ao sr. Filinto Feio *faltava qualidades intelectuaes precisas p ra o desempenho de tal cargo!*

Enquanto esta doutrina esco ria dos luminosos cérebros dos r voltados contra a ditadura, o s cretario geral oficiava ao anti comissario, áquele que a violenc afastára do seu logar, para o s bstituir por um dos mais *luminos* espiritos da moderna Murtoz convidando-o a reassumir as su funções.

Então os revoltados contra ditadura, que calorosamente d fendiam na vespera, queimaram novo Troia e abusando da inexpl cavel inação do sr. Secretario G ral, saltaram por cima da sua au toridade como funcionário suprem do distrito e conseguiram a anul ção desse oficio!

*Alheios ao mais insignifican sentimento de parcialidade politic* os famosos e revoltados membr da Junta Constitucional indicara para o desempenho do cargo o s Antonio Coelho!!!

Porque este, sim, este podi ser...

Pouco tempo, porém, se con servou no logar, que foi ocupad tambem pelo sr. dr. João S cêna e agora o está sendo p lo sr. Francisco da Encarna ção, numa interinidade que s eternisa, sem que, todavia, te nham até hoje aparecido os revol tados a protestarem contra a esta da deste cidadão no desempenh daquelas funções. Este cidadão qu é amanuense do governo civil, che fe da Estatistica e que portant não é justo que acumule, como es tá fazendo, mais as funções d administrador do concelho e comis sario de policia do distrito, par que lhe não chamem *tubarão* e a Partido Republicano Português nã possam acoimar de distribuir gros sa fatia aos afilhados...

Mas ha mais.

Feito um balanço ao serviço e ás provas de dedicação pelo regi men—na rigorosa compreensão do seus deveres, Filinto Feio foi sempr um previdente e um cauteloso, recu sando-se, digna e republicanamen te, a cooperar em actos ilegaes, ainda que eles lhe fossem ordena dos por superiores hierarquicos, como sucedeu com o sr. August Gil, quando governador civil, num das fáses da *questão de Esgueira*, que já esta autoridade quizéra pro teger contra as disposições da lei.

O sr. Eugenio Ribeiro sabe muitissimo bem que a nomeação de Filinto Feio, para administra dor, se impõe como um acto de verdadeira justiça; que ela signifi ca em exclusivo um dever e um compromisso tomado pelo governo, após o 14 de Maio—a reintegra ção de todos os funcionarios que a ditadura ofendera, afastando-os. O sr. governador civil sabe muitissi mo bem que um determinado mi nistro do Interior indicou o rapido chamamento do antigo administra dor e comissario de policia ao seu logar, mas o sr. governador civil iludiu, conforme poude, tal indica ção, continuando assim a evitar, com a maior ofensa da justiça, a realisação dum acto que é um dever de honra para o partido democratico!

O que se está passando a este respeito não dignifica o sr. Eugenio Ribeiro, que tem o dever moral e politico de fazer justiça a quem a pede, a quem a tem!

Ou quererá continuar espezinhando os velhos republicanos?

Moralidade, moralidade, sr. Eugenio Ribeiro!

Foi para ela e por ela que se fez o 5 de Outubro e o 14 de Maio!

Por isso nos insurgimos contra o que se está passando. O sr. Encarnação acumulando escandalosamente uns poucos de logares enquanto Filinto Feio, cheio de serviços á Republica, é votado ao ostracismo pelos proprios correligionarios com quem o sr. Eugenio

Ribeiro se acha mancomunado para que lhe não seja dada a reparação a que tem incontestavel direito, é dos taes casos que bradam aos céus. Não consentiremos, sem o nosso veemente protésto, que continue um tal estado de coisas.

Filinto Feio deve ser reintegrado. Filinto Feio deve ir, quanto antes, para o logar que de direito lhe pertence visto dele ter sido afastado pela ditadura. Não póde continuar o que á roda desse incorruptivel republicano, desse trabalhador incançavel e honestissimo cidadão, se está passando e que é a maior das ingratidões do partido democratico, desse partido que Filinto Feio tem servido com estrema lealdade e altiva dedicação!

Vamos, sr. governador civil! A V. Ex.ª não é licito protelar por mais tempo a proposta para que Filinto Feio entre imediatamente no exercicio do cargo que lhe competia ocupar logo a seguir á quéda da ditadura! Não sôa bem que, de proprosito, friamente, V. Ex.ª, que se diz republicano democratico e como tal se encontra ainda á frente dum distrito que começou a detesta-lo, persista no erro, de olhos fechados á Razão, á Justiça, ao Direito.

Em nome dos mais elementares principios de solidariedade o *Democrata* tem a maxima honra de se colocar ao lado dum republicano perseguido e acintosamente vexado.

## Serviço de administração

*CONGO BELGA*

**Levâmos ao conhecimento dos nossos presados assinantes desta região que se acham na posse do sr. Julio Diniz, residente em Bôma, casa Vale & C.ª, todos os recibos do *Democrata* que obsequiosamente se encarrega de cobrar, e por isso esperamos que todos lhe enviem as importancias neles expressas assim que, pelo correio, recebam o competente aviso.**

**Desde já os nossos agradecimentos.**

*MANAUS*

**Tambem o nosso amigo sr. João Simões Amaro possue já os recibos dos assinantes de Manaus (E. U. do Brazil) a quem pedimos o favor de lhos satisfazerem logo que sejam apresentados afim de lhe evitarem quanto possivel massadas e perda de tempo.**

## Necrología

Ao cabo de doloroso sofrimento, faleceu nesta cidade o sr. Moreira Belo, secretário da policia distrital e em Anadia o sogro do nosso excelente amigo, sr. Joaquim de Almeida Paulo, digno escrivão de direito na Guarda.

A's familias enlutadas, os pêsames deste jornal.



# Cá está ele!

Como na época da feira, desprotegidos da sorte, esfarrapados e famintos, a trôco duma côdea que lhe mate a fome, percorrem as ruas rufando em tambores emquanto outros procedem á distribuição de programas, chamando a atenção publica para os especimens *raros* e fenomenos admiraveis que tem causado verdadeiro assombro em todas as capitaes da Europa, mas que se exibem, contudo, no campo do Rocio, a dois centavos por entrada, entre quatro panos sujos e um realejo desafinado, assim o Zé Maria, com o valor da mesma verdade que encerram aqueles programas, dando ainda á sua pessoa fóros de autoridade no assunto, como juiz indignado, saíu em suplemento, que espalhou gratuitamente, acompanhando a distribuição com o tambor da sua revolta de *homem de bem* e empregando o especial vocabulario da sua lavra, em termos bombasticos e especolondrificos a vêr se a cousa poderia, por qualquer fórma, calar no espirito de algum... incauto.

O *truc* foi, porém, logo notado e todos viram, todos perceberam o jogo.

Muito bem compreendemos o fogo sagrado do pobre Zé Maria, aquela indignação levada ao rubro, a revolta que lhe vai na alma, mas que apesar do esforço para que tudo aquilo passe por espontaneo e sério, não consegue, o pobre diabo, despertar senão o riso.

O famigerado orador da Fogueira só póde provocar a gargalhada!

Pois então o *popular* Zé Maria mediu o senso dos outros pela pobreza da sua desmiolada cachimónia?

O', Zé Maria!...

Pois não se percebe logo quem encomendou o sermão, quem lembrou aquela carta a fingir mais um revoltado, que tendo o *orgão da familia* foi procurar o Zé Maria para o armar em procurador, sem outros predicados?

Facilmente compreensivel a recomendação para ferir, com insistencia, a nota horripilante de profanação de tumulos!

Mas quem os profana, impagavel Zé?

Somos nós que protestâmos contra um pretendido confronto, que é um insulto á historia—não desta terra—mas á historia patria, á historia da Liberdade, tendo para isso de fazer o balanço das individualidades que pretendem igualar ou são aqueles que, impelidos por uma desmedida e estulta vaidade, pretendem, á força, diminuir, adulterar a grandeza verdadeira e heroica duma figura imortal para, á sua sombra, elevar outra representada por um pigmeu?

Relembrando, citando os feitos e os nomes dos que, em verdade, pertencem á historia, com os daqueles que nem dela se aproximaram, só profanâmos os tumulos dos ultimos porque não atingiram a culminancia dos primeiros?

Chamar traidor a Miguel de Vasconcélos, prostituta a Leonor Teles, sanguinario a D. João, imoral e corrupto a D. Carlos—será profanar-lhes os tumulos?

A Historia, que só é feita pelos homens, é a julgadora implacavel e fria da vida dos povos e das pessoas.

Para aqueles que tenham ou não, justificado direito de se julgarem ou os julgarem como pertencendo ao futuro pelos seus actos e merecimentos, implicitamente estão sob o julgamento implacavel dela, que regista e cita, pondéra e julga esses mesmos actos e merecimentos.

Admitindo a infelicidade de o termos perdido, Zé Maria, não haveriamos de protestar até ao infinito se alguem se lembrasse de estabelecer um confronto entre o nosso *popular* Zé com Eça de Queiroz, como escritor, e Jean Jauré, como orador, visto que o Zé tambem é orador?...

Ipso facto, estávamos nós a profanar tumulos, a arrancar do sôno eterno os que dormem para sempre?

O Zé tanto quiz carregar de côres feias o seu *espontaneo* protésto de... gratidão, que borrou tudo!

Igualar a figura incomensuravel de José Estevam—encarada sob todos os pontos de vista—com a de Manuel Firmino, é uma ousadia que provoca, não amigos ou inimigos deste, mas todos quantos admiram a gigantesca personalidade que encheu de léz a léz, em letras doiro, paginas gloriosas da historia de Portugal!

Para justificar a razão dos nossos protéstos, que são os de toda a gente, que, como nós, não póde tolerar semelhante sacrilegio, pezâmos as obras, os actos, a vida dos que pretendem apresentar como merecedôres da mesma veneração e grandeza, e do saldo desse paralelo, que é o mesmo que resultaria da medição do Himalaia com a do cabo Mondego, o Zé, com o tal outro revoltado, que nem nos conhecia, chamam-lhe—profanação de tumulos!

Não tivémos aqui uma palavra—uma unica—de ofensa, nem de véxame para a memoria de ninguem! Ser regedor, deputado, par do reino; morrer pobre, podendo morrer rico; dispensar favores; enxugar lagrimas; possuir os mais belos sentimentos; ser vitima de todas as indignidades, em maior escala dos seus proprios; conseguir alguns melhoramentos para a sua terra—tudo isto não é o suficiente para se pretender colocar, como merecimentos bastantes, ao lado dos que adornaram e animaram a figura imortal de José Estevam!

Como Manuel Firmino tem Aveiro tido outros homens. Como Manuel Firmino, não, porque ainda ha alguma diferença entre ele e Mendes Leite, Agostinho Pinheiro e Gustavo Ferreira Pinto, por exemplo. Todavía os seus representantes de hoje ainda não tivéram a estupida veleidade de os pretender confundir ou confrontar com José Estevam Coelho de Magalhães!

Ignorâmos se o nosso *popular* Zé Maria antingirá estas considerações, mas os amigos da Vera-Cruz poderão explica-las minuciosamente embora elas estejam ao alcance das mais apoucadas... mioleiras.

Ainda que publicamente sejam conhecidos os vários processos empregados para tal—porque nenhum deles representa expontaneidade desta terra—a memoria de Manuel Firmino está mais que suficiente e gratamente estabelecida na cidade e de fórma a satisfazer todos os desejos de engrandecimento pelo seu nome.

Agora o que se pretende levar a efeito é um verdadeiro cumulo de ousadia e de insuportavel vaidade que redunda num aviltamento, num desprimôr sem igual para a memoria daquele que foi grande êntre os grandes, que pelos actos de toda a sua vida—na tribuna, na imprensa, no campo da batalha, no exilio, nos inegualaveis beneficios á sua terra, exclusivamente a ele devidos, tendo sido posta a preço a sua cabeça—chega a merecer mais do que a estatua erguida aí, do que o retrato em azulejo no edificio da estação do caminho de ferro—merece no peito de todos os portuguêses um altar onde, iluminado pelas centelhas de amôr que ele sempre alimentou pela Patria e pela Humanidade, esteja a sua figura inapagavel e imorredoira!

Ora aqui tem o nosso conhecido e *popular* Zé Maria aquilo a que chama—*conspurcar memorias, profanar tumulos, remexer sepulturas!*

O Zé sabe o que é um dicionario biografico?

Um dicionario biografico é uma larga lista de nomes pertencentes a figuras de ambos os sexos, que, existindo em várias épocas e logares, praticaram actos e possuiram dotes que as tornaram invulgares e merecedoras não só do registo dos seus nomes, como da narração e comentarios ás suas obras e á sua vida.

Ora o Zé Maria percorra todos esses dicionarios, até os que sendo dicionarios de lingua, teem uma resumida secção biografica, como, por exemplo, o de Jaime de Seguier, muito semelhante ao de Larousse, e veja se encontra em qualquer deles referido o nome de Manuel Firmino, omitindo o de José Estevam.

Então porque a vaidade duma familia pretende, com escandalo para a Historia e para a Verdade, estabelecer um paralelo, que é uma grave afronta á memoria de um dos maiores vultos da Humanidade, fazendo erguer protéstos e, como complemento, obrigando á citação precisa e rigorosamente verdadeira dos factos que estabelecem esse escandalo, o Zé Maria chama a isto—banditismo, infamia, *barbaro, barbaresco e turco?!...*

Manda-nos dar facadas, chama-nos uma infinidade de nomes feios, com aquela solenidade e imponencia dos grandes casos e depois apéla para o—*senão da explosão da indignação publica!*

Ah! A eterna mania do *popular* Zé Maria, que se supõe o que não é, julgando-se o indispensavel *faz tudo*, aparecendo em toda a parte, procurando para si proprio ocasião em que se dê ao disfruto e faça favor aos amigos... que lhe valem nos criticos momentos...

E foi por estas razões que ele orou na Fogueira e é... jornalista que *levanta o nivel!...*

Zé Maria, Zé Maria!...

Quantos decilitros, depois de tamanha puxada, a embrutecerem ainda mais esse cérebro—*estupidez espêssa*—como te classificou, a proposito, um conhecido escritor aveirense?...





# No 1.º de Dezembro

(Discurso do director da Escola Normal, José Casimiro da Silva, proferido por ocasião da festa comemorativa da independencia de Portugal)

*Para pôrem as coisas em memoria*
*Que merecerem ter eterna gloria!*

*Luziadas*—Canto 7.º—Est. 82.ª

A comemoração das datas célebres da Historia de um povo vincula, desenvolve e fortifica, na consciencia colectiva, o sentimento da dignidade propria; liga e unifica as gerações passadas com as atuais; estabelece e consolída a continuidade da tradição historica; aperta os laços da fraternidade nacional, reunindo, na mesma comunhão de sentimentos, as povoações mais reconditas; arreiga e vivifica a crença na religião sagrada da Patria.

A comemoração dessas datas leva-nos á contemplação espiritual dos factos passados, á reconstituição da Historia no tempo e no espaço; ensina-nos a venerar os homens que, recalcando sentimentos egoistas, se sacrificaram, glorificando-se, ao cumprimento do dever, na conquista do bem colectivo. Dá-nos a intuição de alguma coisa grandiosa que nos enobrece e nos orgulha, exaltando o nosso amor pátrio; ou dá-nos a lição deprimente, angustiosa, de alguma crise nacional, de algum facto que empanou o brilho da Historia, de algum acto de covardia colectiva, de alguma depressão moral, cujo estigma para sempre ficará gravado nos anais de um povo, mas que ele poderá atenuar, como um momento de fraqueza passageira da sua vida, elevando-se no conceito das nações por novos feitos de heroismo, por novas conquistas no campo da civilisação.

Mas, para que tal aconteça, para que um povo reconquiste o logar que perdeu, é necessário que no seu espirito se mantenha sem desfalecimentos, com a intensidade que conduz ao heroismo, com a abnegação individual que arrasta ao sacrificio, o interesse pelo progresso da nacionalidade e este só é possivel quando o amor da Patria lançou em todos os corações raizes fundas que nada é capaz de destruir.

E' esse amor da Patria, que tão acrisolado se manifestou na fundação das nacionalidades, que tão brilhantes exemplos de patriotismo nos apresenta, quando um povo defende a sua independencia, como agora vemos na Bélgica e na Sérvia, essas duas heroicas nações, cujos nomes serão imorredoiros na Historia da Humanidade; é esse amor da Patria, repito, que nós, os professores, temos o dever de criar, cultivar e intensificar no espirito do povo, no desempenho da nossa nobre missão.

E, se a todos os respeitos é nobre a missão do professor, ela eleva-se ao sublime, quando ele sabe ensinar as criancinhas a defender a herança que receberam de seus avós, herança que se sintetiza na palavra—Patria!

Mas essa herança que nos legaram os nossos antepassados e que o dever nos impõe a obrigação de defender e engrandecer, em todos os campos da actividade humana, não é só a Patria que se concretiza no solo, nas arvores, nos rios, nas fontes. Superior a essas materialidades, ha a Patria ideal, ha a atmosféra moral que nos envolve, formada pelo complexo de crenças, de sentimentos, pensamentos e interesses morais comuns, que inspiram e guiam as nossas acções colectivas e que, acompanhando os progressos da civilização, sem perderem a continuidade tradicional, se vão modificando néssa luta constante, em que, as nações, como os individuos, se empenham no caminho da perfectibilidade.

Foi essa Patria que inspirou Afonso Henrique e os seus companheiros, na fundação da nossa nacionalidade; foi ela que, nas côrtes de 1385, aclamou o Mestre de Avís, e venceu os castelhanos na batalha de Aljubarrota; foi ela que inspirou e guiou os portuguêses nas conquistas e descobertas maritimas; foi ela que fez a revolução que nós hoje comemoramos; foi ela que preparou e realizou a revolução de 1820, que substituiu o absolutismo pelo constitucionalismo; foi ela que fez a gloriosa revolução de 1910, que substituiu a monarquia pela Republica; foi ela que fez grande a poderosa Inglaterra; foi ela ainda que preparou a Alemanha para a guerra horrorosa a que assistimos e em que vemos envolvida quasi toda a Europa e cujas consequencias se fazem sentir em toda a Terra.

Em todos os grandes movimentos da Historia dos povos, ainda mesmo aqueles que aparentemente são determinados por questões religiosas ou pela ambição dos monarcas, nós vamos sempre encontrar, como causa proxima ou remota, o ideal da Patria a guiar as massas anónimas nas suas convulsões.

Sendo ele o factor unico da Historia, o seu desaparecimento da alma de um povo, será o aniquilamento da nacionalidade que o tiver perdido.

E' o culto da Patria, no seu conjunto moral e material, que nós devemos desenvolver no espirito do povo, a despeito de todas as concepções filosóficas que tentem combate-lo.

E, se em todos os tempos esse culto se impôs como causa necessária do progresso das nações, hoje mais do que nunca precisamos de o intensificar, não só para opôr um dique á corrente dissolvente que tenta derruír as fronteiras, como para prevenir os perigos com

que a ambição germânica ameaça as pequenas nacionalidades.

Para manter limpida e vivificante a nossa atemosféra moral e para exemplificar quanto póde a fé no amor da Patria, se organizam estas festas, como factores sugestivos da educação civica do povo.

Com elas vive-se a Historia gloriosa de Portugal.

Ao professor, conscio dos seus deveres patrioticos, cumpre aproveita-las e tirar delas toda a sua significação.

A vós, senhoras, que sereis professoras e mães, uma missão mais augusta vos está confiada.

Como professoras, tendes de educar as mães das gerações de ámanhã; como mães tendes de educar os vossos filhos.

A Patria e a Republica em vós confiam.

A nossa Historia é fértil em exemplos do acrisolado patriotismo da mulher portuguêsa; segui-os e patenteai-os áqueles cuja educação vos fôr confiada.

Procedendo assim, tereis cumprido a vossa missão patriotica; as gerações que educardes saberão reconhecer nos progressos morais e materiais realisados os frutos da educação recebida e a Patria abençoará aquelas que trabalharam pela sua prosperidade.

Ao simbolo da nossa Patria, á Bandeira Nacional, prestemos hoje a nossa homenagem.

O que ela representa para nós só póde ser bem compreendido por quem, afastado da Patria, a vê tremular em terras longiquas, ou para quem, no fragor das batalhas, vê que mãos inimigas a tentam derrubar.

O primeiro sabe que sob a sua protecção descançam os que lhe são caros: seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua esposa, seus filhos; o segundo sabe que, se ela fôr derrubada, o será tambem a Patria em cuja defêsa verte o seu sangue.

Não esqueçâmos tambem o Hino Nacional que, com os seus acordes tão suaves, com a sua melodia, ora terna, ora estridente, com o seu ritmo tão português, e com as suas estrofes tão repassadas de sentimento e inflamadas de ardor patriotico, tanto fala á nossa afectibilidade.

Eduquemos a mocidade a respeita-los como partes integrantes desta Patria querida e tão gloriosa.

Viva a Patria!

Viva a Republica!

---

**Sr. Governador Civil: não póde continuar á frente da regedoría de Esgueira o cidadão que V. Ex.ª, em ditadura, lá colocou. Não póde. V. Ex.ª comprometeu-se a dar uma satisfação á lei do seu partido e portanto esperamos que, sem demora, salde esse compromisso. Fóra o regedor de Esgueira!**

## Pela policia

Que ha? Que houve? De que se tratará no comissariado que anda tudo num redopio?

Vagamente, fala-se, diz-se, consta que alguem, que já morreu, se aproveitou de determinada quantia, gastando-a em seu beneficio, e em virtude do que está sendo feita uma sindicancia na aludida repartição.

A bôas horas.

Se os superiores do emprega do em quem se boqueja só agora déram pela falta dos fundos, se só agora é que o sr. comissario acordou e poz a sua prespicácia em contacto com o que vai pelo edificio das Carmelitas, é caso para se dizer—*tarde piaste.*

Pois não é de obrigação dar todos os mezes balanço ao cofre e fazer contas de modo que o dinheiro tanto das multas, como dos descontos dos guardas, como de quaisquer outras proveniencias entre nos respectivos compartimentos?

A nós afigura se-nos que se essa disposição regulamentar fosse cumprida á risca nada do que se está passando haveria a registar, pois se teria evitado que faltas desta natureza se praticassem e portanto que o corpo de policia voltasse a ser discutido da fórma porque está sendo novamente, pelo publico aveirense.

Até quando, ó Catilina?...

## Pinhal

Vende-se um grande pinhal com seu terreno ou sem ele sito no Viso, lemite do Solposto. Confina com a estrada que vai de Esgueira ao Solposto.

A tratar com João Afonso Fernandes, em Cacia.

## Notas mundanas

*Com sua esposa e filhinha, chegou do Rio de Janeiro a esta cidade, onde conta demorar-se alguns mezes, o nosso velho amigo Chrisanto de Melo, a quem já tivémos o grato prazer de abraçar.*

✠ *Encontra se ainda de cama o sr. Manuel Marques da Cunha, cujas melhoras pouco se teem acentuado.*

✠ *Adoeceu tambem a sr.ª D. Rosalina Alves Fontes, professora da Escola Normal, que por esse motivo já não tomou parte nas festas do 1.º de Dezembro ali realizadas.*

*Desejâmos o seu pronto restabelecimento.*

✠ *Faz ámanhã anos a sr.ª D. Maria Mendes Agra, dedicada esposa do capitão nautico ilhavense, sr. Antonio da Rocha Agra, auzente em Manáus.*

*Os nossos parabens.*

✠ *Seguiu para Lisboa o deputado unionista, sr. dr. Brito Guimarães.*

✠ *Fixou temporariamente residencia em Matosinhos o sr. Antonio Augusto Fragateiro, acreditado comerciante ovarense.*

## MEMORIAS

### Um aniversario

No dia 27 de Novembro completou 7 anos que esteve em Aveiro o então rei de Portugal, D. Manuel II, á roda de quem todas as *altas* personalidades da terra se curvaram em blandicias, significando-lhe por diferentes fórmas e feitios o quanto se achavam identificadas com o verdadeiro simbolo da monarquia.

Por essa ocasião toda a chamada *bôa imprensa* da cidade arrancou dos caixotins o seu tipo de fantasia para prestar *condigna* homenagem ao que ela tinha por legitimo representante dum sistêma que francamente apoiava— *Vitalidade* e *Camaleão* na frente—vindo a proposito transcrever do primeiro daqueles conhecidos orgãos, cuja propriedade pertencia tambem ao amanuense do governo civil, Acacio Rosa, que egualmente figurava como secretário da redacção, estes edificantissimos periodos:

«Desde o artigo de fundo, até ao noticiario, todos os jornaes do país, especialmente os do norte, se ocupam da viagem de El-Rei e das manifestações **acentuadamente monarquicas** feitas ao joven e augusto soberano.

Não podemos acompanhar os nossos ilustres colégas da imprensa diária monarquicos no relatorio de todos os testemunhos de dedicação e afecto, que na pessoa do chefe do Estado, tem sido prestadas ás instituições vigentes. Mas se tanto nos não é dado, podemos, todavia, consignar que **é geral o movimento da nação aclamando El-Rei e a Monarquia, que assim se consagra, depois de um periodo de tibiezas e de capitulações mesquinhas, de uma fórma eloquente e radical.**

Ora este facto sobreleva a todos os outros.

Inscrevemos, pois, nas colunas do nosso semanário essa verdade. A antepôr a ela... ha apenas os desabafos, os doestos e as insidias duma insignificante minoria séctaria que se reputa acima da lei, figurando de ter arrematado o exclusivo do amôr civico nacional, o que é muito pouco e não passa de uma simples infantilidade.

**Fica, pois, provado á evidencia que a nação é monarquica.»**

Contestando esta asserção, o *Democrata* repetiu a profecía já feita em numeros anteriores: que no dia em que fosse proclamada a Republica em Portugal estes escribas ou se sumiriam ou a abraçariam para não perderem os beneficios do Estado que por ventura estivessem auferindo. De como nos não enganámos prova o á evidencia a triste figura do Acacio, pretendendo a todo o transe que o considerem fiel ás instituições e a relissima conduta dos *adesivos* da Vera-Cruz, pavoneando-se de *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos.*

Mas governam eles ou não a vidinha?

E isso é o essencial.

---

**Com autorisação do chefe do distrito, dizem-nos que se efectuou na quarta-feira, na paroquial da Gloria, uma missa, com musica, antes do nascer do sol, a pedido dos devotos da Imaculada Conceição, que assim quizéram vêr inaugurada a politica nacional do sr. Eugenio Ribeiro.**

**Que outras provas de incompetencia serão precisas para assinalar a triste passagem do conhecido *esculapio* de Agueda pelo governo civil de Aveiro?**

### Morto pelo comboio

O *rapido* da manhã, na sua passagem para Lisboa, matou o guarda que faz sinais no apeadeiro de Salreu, proximo de Estarreja, motivo porque deu entrada na estação desta cidade com perto de uma hora de atrazo.

## Comunicados

Cidadão Redactor

Muito me obsequeia dispensando-me um cantinho do seu muito acreditado jornal para dar publicidade ao seguinte:

Antes de falecer uma tal Maria de Jesus, vulgo do *Isqueiro*, deste logar, esta mandou chamar minha mulher, a qual, na qualidade de parenta, se apresentou á sua beira. Assim, porém, que chegou encontrou um tal Antonio Dias da Silva e mais algumas pessoas entre elas sua irmã Emilia Dias da Silva, que se apresentaram tambem como parentes á espera da moribunda dar o ultimo suspiro. Como recomendasse a minha mulher que usasse de cortezia num acto daqueles e que a pedisse aos outros, estes, capitaneados por esse tal Antonio Dias da Silva, após o falecimento da Maria de Jesus começaram rebuscando toda a casa e a dividir o espolio visto não haver herdeiros forçados. Apesar de minha mulher ser cortez pois lhe meteu repugnancia esse procedimento baixo, simplesmente fez vêr que tornava responsavel o tal individuo acima mencionado pelos haveres, inclusivé uma ancorêta com vinho que serviu para matar saudades da falecida... Agora servem-se dos processos mais baixos, caluniando-me, armando-se da mentira para manchar a minha reputação já que a deles (de alguns) é bem conhecida.. Eu responder-lhe-ei a esses meus detractores com o desprêso que é o que merecem e nada mais.

Pela inserção destas linhas muito grato lhe fica o que se subscreve

De V. etc.

Pinhão, O. de Azemeis, 22 | 12 | 915

*Francisco da Silva Santos*

### Exames de admissão ás Escolas Normais

Antonio Rodrigues Pepino e Alberto Casimiro da Silva, professores na escola central de Aveiro e alunos do curso de habilitação ao magisterio primário superior, abrem em Aveiro o seu curso de admissão ás Escolas Normais, no proximo mez de Janeiro.

R. de S. Roque, 15-1.º.

### O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

## CORRESPONDENCIAS

### Anadia, 2

Tomou hoje posse dos lugares de amanuense da Câmara e chefe interino da secretaría da mesma, para os quais foi nomeado na ultima sessão plenaria de 29 do passado mês, o nosso amigo Cipriano Simões Alegre, director da *Bairrada Livre.*

Apresentâmos os nossos cumprimentos ao nomeado e á Câmara as nossas felicitações pela ótima escolha que fez de entre os vários concorrentes, pois que o seu novo empregado saberá cumprir rigorosamente o seu dever, honrando assim tambem a Câmara que o nomeou.

C.

✠

### Alquerubim, 3

Pelos democraticos desta freguezia foi bem recebida a noticia da formação do novo ministério.

O sr. dr. Afonso Costa, com a sua grande inteligencia, hade esforçar-se para que o país progrida e as finanças tomem alento. Deixem-no os seus adversarios governar, que ele fará tudo quanto pudér a bem da Patria. E enquanto a perseguições á Republica, corte o Govêrno o *mal pela raiz,* e verá que o socego volta.

=O 1.º de Dezembro foi aqui festejado com foguetes. A bandeira nacional esteve todo o dia içada no edificio das escolas.

=Continuam a ser muito apreciados os productos de ceramica da fabrica dos srs. *Tavares, Lebre & C.ª*, das Quintans.

C.

## ANUNCIOS

### Venda de casa

Vende-se uma com seu terreno junto, sita no largo do Coval, em Cacia, propria para negocio em pequena ou grande escala, pertencente á sr.ª **Maria Dias da Maia**, (viuva de João Padeira).

A tratar, em Cacia, com João Afonso Fernandes e em Lisboa, com a proprietaria e seu filho Manuel Dias Quaresma Junior, Travessa do Oliveira, á Estrela, 26 1.º D.

### Charrette

de 4 rodas, muito leve, constructor *Laturette.* Arreios de verniz e couro inglez, tudo em estado de novo. Vende-se. Falar na *Garage Trindade, Filhos*—AVEIRO.

### Casa

Vende-se uma, situada na Rua Manuel Firmino, n.º 52, em frente á casa do falecido Conselheiro Ferreira da Cunha.

Para tratar, dirigir-se a Francisco Maria de Carvalho, armador, Praça do Peixe—AVEIRO.

### Professora de piano

Maria Augusta de Almeida, diplomada, com distinção, no curso superior de piano (8.º ano) pelo Conservatorio de Lisboa, dá lições na sua casa e na das alunas, preparando para exame no Conservatorio.

Matricula aberta até ao fim deste mez na Praça da Republica, n.º 1—AVEIRO.

### Curso elementar de pilotagem EM AVEIRO

**(1.º e 2.º ano)**

leciona:

*Idemundo Tavares da Silva*

1.º tenente de marinha, adjunto da Capitania do porto de Aveiro

## Juizo de Direito DA Comarca de Aveiro

### Anuncio

(1.ª publicação)

No dia 12 do corrente, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e na execução hipotecaria requerida neste juizo pelo exequente Joaquim de Oliveira Sergio, casado, proprietario, morador no logar de Ouca, freguezia de Sôza, comarca de Vagos, contra os executados José Antonio Rodrigues Junior e mulher Emilia Godinho, proprietarios, de Vale de Ilhavo, actualmente auzentes em parte incerta do Brazil, vai pela segunda vez á praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer sobre metade da sua avaliação, o seguinte predio, pertencente e penhorado aos executados:

Uma propriedade que se compõe de pinhal com seu respectivo terreno e mais pertenças, sita no Colaço, limite do logar de Vale de Ilhavo de Cima, freguezia de Ilhavo, avaliada na quantia de trinta escudos, e vai á praça por quinze escudos.

Pelo presente são citados quaisquer crédores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 3 de Dezembro de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

**Regalão**

O escrivão do 5.º oficio,

*Julio Homem de Carvalho Cristo.*

## ACÇÃO DE DIVORCIO

Pelo Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do quinto oficio Cristo, correm seus devidos e legais termos uma acção de divorcio, por mutuo consentimento, requerida por Carlos Ferreira Crespo e mulher D. Adelaide Gaméllas da Costa, ambos negociantes e residentes nesta cidade de Aveiro. E nesta acção por sentença de 18 de Novembro ultimo, que transitou em julgado, foi homologado o acordo dos referidos conjuges e autorizado o seu divorcio definitivo para os efeitos do artigo 1.º n.º 2 e do artigo 2.º do Decreto de tres de Novembro de mil novecentos e dez, o que se anuncia para os efeitos legaes, nos termos do artigo 19 do mesmo Decreto.

Aveiro, 4 de Dezembro de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

**Regalão**

O escrivão do 5.º oficio,

*Julio Homem de Carvalho Cristo.*

## Associação Aveirense de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas

Achando-se vago o lugar de escriturário desta Associação é posto o mesmo a concurso documental por espaço de trinta dias a contar da presente data.

Aveiro, 7 de Dezembro de 1915.

O Presidente da Direcção

*José Gonçalves Gaméllas*

## Dentista

### Candido Dias Soares

**Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro," ou "sobrinho do Milheiro,"**

*Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º*

AVEIRO

## Nova fabrica de telha em Aveiro

## A Ceramica Aveirense

—DE—

## JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos convencionaes. Manda amostras e preços a quem os requisitar.

## Hotel e Restaurant Campestre

### Oliveira do Bairro

**É o unico que satisfaz com rigor as exigencias da sua clientela**

COSINHA DE PRIMEIRA ORDEM

*COMODIDADES EXPLENDIDAS*

**Especialidade em leitão assado**